

Associação Tchiweka de Documentação

Noemi Alfieri

Práticas da História, n.º 20 (2025): 223-230

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Associação Tchiweka de Documentação

por Noemi Alfieri*

https://www.tchiweka.org

geral@tchiweka.org

Muito obrigada por aceitarem o convite para falarem do vosso projecto, por ocasião do número especial da *Práticas da História* "Retrospectivas (digitais) sobre a historiografia africana: descolonização, imprensa africana e os usos do conhecimento".

Estamos preocupados com a história da produção do conhecimento em – e sobre – África e com os discursos que têm sido produzidos sobre essa(s) mesma(s) história(s) no contexto da consciência da globalização desigual do pensamento intelectual. A proposta de volume focou-se – desde o início - no período da descolonização em África, na ligação entre os *media* e a emancipação, a democracia política, a liberdade de escolha e a consciência colectiva. Estamos atentos e atentas, contudo, para as possibilidades e os constrangimentos epistemológicos contemporâneos na escrita da história. Um dos nossos focos são os processos de preservação digital e a recirculação da historiografia a partir de África e das suas diásporas: queremos instigar uma reflexão sobre o seu impacto no alargamento da esfera pública e no empoderamento das

* Noemi Alfieri (noemialfieri@fcsh.unl.pt). https://orcid.org/0000-0002-0914-273X. CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Av. de Berna 26C, 1069-061, Lisboa, Portugal.

comunidades. Por essa razão, esse volume contempla artigos académicos, contribuições e ensaios de artistas, visando também recolher o contributo de associações e projectos preocupados com questões históricas, epistemológicas, de justiça e acessibilidade social ligados ao continente africano e às suas diásporas.

Obrigada pela vossa participação e testemunho!

Gostaríamos de começar por pedir-vos que se apresentem e que introduzam brevemente o vosso projecto (objectivos e público-alvo).

A Associação Tchiweka de Documentação (ATD) nasceu em 2006 com o objectivo principal de albergar um Centro de Documentação que permitisse, numa primeira fase, organizar, gerir e preservar o acervo documental e bibliográfico de Lúcio Lara. A missão fundamental desse trabalho é a de divulgar a documentação relacionada com o período da luta de libertação (até às independências das colónias portuguesas em 1975).

No ano da sua criação, priorizando o acervo de Lúcio Lara, a ATD apoiou a publicação de mais dois volumes de "Um amplo movimento...", com documentos datados entre 1961 e 1964. Este trabalho foi iniciado pelo próprio Lúcio Lara e por Ruth Lara, que publicaram o primeiro volume em 1997, abarcando documentos até Fevereiro de 1961.

Entre 2009 e 2017, a ATD desenvolveu outros projectos de publicação (livros, artigos em jornais). Também disponibilizou um *site* muito simples com as listas dos documentos que foi organizando. Mas o projecto de maior dimensão foi, sem dúvida, o "Angola - Nos Trilhos da Independência", um projecto audiovisual desenvolvido em colaboração com uma jovem produtora (na altura), a Geração 80. Durou seis anos (2010-2015) e recolheu centenas de entrevistas feitas a antigos participantes na luta de libertação nacional e a diversas personalidades nacionais e estrangeiras com ela relacionadas, e fez filmagens de locais

onde a luta se desenrolou, tanto em Angola como noutros países. Este trabalho culminou com a realização de um documentário intitulado "Independência" (2015).

Em 2018 organizou, em Luanda, uma conferência e uma exposição fotográfica intituladas "Lúcio Lara. Trajectória de um combatente", tema escolhido pela Associação Tchiweka de Documentação (ATD) para assinalar o seu aniversário e juntar companheiros e a nova geração, dois anos após o seu falecimento.

E, a partir de 2019, a aposta foi a de criar um portal que disponibilize *online* grande parte da documentação existente na ATD. Este objectivo foi alcançado em Julho de 2021, e o portal tem vindo a ser "alimentado" com novos documentos sempre que possível. O nosso "público-alvo" é bastante variado (nomeadamente estudantes, historiadores, jornalistas, professores), tendo em comum o interesse na investigação e divulgação da história da luta pela independência de Angola e das lutas de libertação da África em geral.

De que forma é que julgam que o vosso projecto contribui para a construção e disseminação de narrativas históricas sobre os povos do continente africano e as suas diásporas?

O acesso a diferentes fontes é essencial para se construírem "narrativas" históricas. Com a abertura de arquivos antes classificados e com a divulgação de arquivos privados, é incontestável que o acesso a novos dados sobre a História desse período tem permitido novos estudos e incluir novos parâmetros nos estudos efectuados. Pensamos que arquivos pessoais, por mais pequenos que sejam, são sempre um contributo para essa "construção de narrativas". O vasto arquivo da ATD, com o arquivo de Lúcio Lara e de outros, e o projecto "Angola - Nos Trilhos da Independência" disponibilizam muitas fontes, das mais diversas (documentos textuais, livros, publicações, mas também fotografias, cartazes, diverso material iconográfico), muitas das quais não estão disponíveis em nenhum outro arquivo a nível mundial. Assim, dão a possibilidade

de se abordarem essas histórias de forma mais abrangente a partir de diversos ângulos.

De que forma é que o vosso trabalho desafia ou transforma a forma como o passado africano e diaspórico é representado e lembrado no espaço público, incluindo no meio digital? Qual a urgência desse trabalho na sociedade contemporânea, e quais os seus impactos no tecido social e no sentido da elaboração de uma consciência histórica?

Com o surgimento dos suportes digitais e das mais variadas plataformas que podemos encontrar *online*, passámos de um acesso limitado às fontes e à informação para uma abundância destas (quer sejam verdadeiras ou falsas). Se, por um lado, esta divulgação sem fim é benéfica, pois dá acesso alargado a materiais que apenas seriam conhecidos por alguns pesquisadores que tivessem a possibilidade de se deslocar aos arquivos, por outro lado, torna a escolha bastante difícil. Saber o que de facto é relevante ou não, para os mais diversos assuntos que se possa querer pesquisar, nem sempre é fácil.

Também é sabido que, com os "algoritmos" controlados nesse novo mundo virtual, cada um de nós não tem acesso imediato às mesmas escolhas, mesmo que estejamos a pesquisar a mesma coisa. A informação que circula *online* é sobretudo ligada aos países europeus e da América do Norte, e a África ainda é um continente pouco divulgado e representado nesse mundo. Ainda mais quando pensamos em África de língua oficial portuguesa.

Podemos dizer que, para uma pequena associação como a nossa, a concorrência que temos de enfrentar no espaço *online* é grande, mas não haverá em África um arquivo privado com tanta documentação, disponibilizada em formato digital, sobre a temática das lutas de libertação das ex-colónias portuguesas, com destaque para Angola, como o nosso.

Sendo a tarefa da ATD a preservação e divulgação da memória da luta do Povo Angolano pela sua independência e soberania nacional,

esperamos que, com o nosso portal, possamos contribuir de forma positiva para a representação do passado de Angola, enriquecendo os imaginários desse passado.

Que desafios têm encontrado nesse processo de reconstrução e narração colectiva do passado, mas também na digitalização, preservação e acesso a materiais históricos e culturais? Quais as vossas estratégias para assegurarem que os vossos conteúdos chegam ao público em geral, mantendo-vos fieis à vossa vocação?

Como referimos anteriormente, a nossa estratégia para permitir que o acervo da ATD chegue ao público é sobretudo a aposta no portal www.tchiweka.org, que tem facilitado o acesso *online* a grande parte do nosso arquivo. Temos continuado a colocar, no portal, nova documentação digitalizada (na sua totalidade ou pelo menos a capa), à medida que a vamos organizando. São mais de 12 000 documentos textuais, milhares de fotografias, de boletins, recortes, jornais ou revistas, entre outro material que está disponibilizado no *site*. Quando é possível, facilitamos a consulta *in loco* de material que não está no portal.

Tudo isso exige recursos humanos e financeiros. No aspecto financeiro, a ATD conta com as quotas dos associados e a venda das nossas publicações, o que pouco representa nas contas mensais. Também recebemos apoios do Estado desde que fomos reconhecidos como "instituição de utilidade pública". É uma quantia simbólica e nem sempre disponibilizada. Não teria sido possível sobrevivermos apenas com esses fundos. Não podemos desvalorizar o facto de estarmos em instalações particulares, sem pagarmos nenhum tipo de renda. Também temos gerido alguns "excedentes" dos patrocínios recebidos no projecto "Angola - Nos Trilhos da Independência", o que nos permitiu continuar a funcionar. Mas com este quadro, é difícil fazer projectos de futuro.

A gestão de um arquivo não se faz apenas com dinheiro. Envolve um enorme trabalho prévio. Levámos mais de 15 anos a organizar e a

classificar o acervo gerido pela ATD, e mesmo assim ainda não incluímos todo o material que temos. As listas que fazemos para cada tipo de material arquivado continuam a crescer à medida que se vão classificando mais documentos. Também há a digitalização, que implica uma escolha prévia do que vale a pena ser digitalizado. No final, um grande desafio é a preocupação com a preservação, em instalações sem as condições adequadas de luminosidade, temperatura e humidade.

Para além desse trabalho "de bastidores" essencial para alcançarmos os nossos fins, que é divulgar o conteúdo do nosso acervo, podemos dizer que um dos maiores desafios, desde o início da ATD, é o de conseguir manter a actividade da Associação apesar das limitações humanas e materiais (incluindo de espaço físico). Essas limitações são uma constante e não parecem ter solução tão cedo.

O vosso trabalho procura desafiar imaginários históricos e culturais estabelecidos. De que maneira a dimensão digital pode contribuir para reconfigurar as memórias colectivas sobre o passado africano? O que resta fazer fora do digital, nas ruas, nas escolas, nas casas?

Neste mundo cada vez mais "visual", sabemos que uma imagem pode tocar e "falar" muito mais do que palavras. E é verdade que o som, o movimento, a cor, nos aproximam mais facilmente de realidades que estão distantes.

O nosso portal tem fotografias, cartazes, postais, cartas manuscritas, comunicados, acordos, relatórios... um sem número de opções. Também temos todo o material recolhido pelo projecto "Angola - Nos Trilhos da Independência" que é audiovisual e é composto por depoimentos pessoais, por filmagens de locais históricos, de peças de teatro, de canções, de danças. Tudo isso pode despertar novos imaginários, ajudar na percepção desse período da nossa luta pela independência.

Importa referir que o acervo disponibilizado é muito variado e não se limita a material ligado ao MPLA (embora este seja predominante

visto que Lúcio Lara era dessa organização). A diversidade de fontes que a ATD oferece é importante para desfazer versões mais simplistas ou facciosas que frequentemente vão surgindo.

Como imaginam a evolução do vosso projecto nos próximos anos? Que impacto gostariam que tivesse na sociedade?

Manter a ATD "viva" e funcional tem sido uma constante batalha ao longo destes anos. Gostaríamos que os detentores de acervos públicos ou privados, de qualquer natureza (documentos, filmes, arte, bibliotecas, outros) tivessem consciência da sua importância e fossem incentivados a preservá-los ou, pelo menos, terem um local onde pudessem entregá-lo (por mais pequeno que fosse). A quantidade de documentação que vai parar ao lixo porque as pessoas não sabem o que fazer com as "velharias" dos seus parentes falecidos é triste, sobretudo num país com tão poucos arquivos pessoais como Angola. A ATD foi contactada algumas vezes para receber acervos (ou espólios) de pessoas, mas infelizmente não temos recursos para os receber. Escritores, pintores, antigos combatentes, tanta gente que tinha recordações, relíquias de esboços de livros, de desenhos e, provavelmente, tudo se perdeu.

Pensamos que, independentemente da sobrevivência futura de uma organização ou instituição, o património arquivístico tem de ser protegido e divulgado. E isso é, essencialmente, uma tarefa do Estado, que deve estar preocupado em conservar os arquivos para salvaguardar as memórias.

Em termos de impacto, gostaríamos que o nosso arquivo fosse amplamente usado por investigadores e outros interessados e divulgado não apenas na academia, mas principalmente sendo transformado em formatos mais acessíveis e atraentes para ser utilizado por outros tipos de público (por exemplo, em peças de teatro, filmes, artigos). O arquivo é imenso, as possibilidades são infinitas, precisamos de mentes curiosas e criativas que façam essa ponte, que é tão necessária e que pode ser tão poderosa!

Para concluir: querem sugerir um livro, um filme, uma música?

Relacionado com os nossos objectivos, recomendamos o filme "Independência". Este é um exemplo claro de como o acesso a diferentes fontes de informação presentes em arquivos permite criar um documentário sobre a luta de libertação e que integra o ponto de vista de quem participou.

Referência para citação:
Alfieri, Noemi. "Associação Tchiweka de Documentação". *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 20 (2025): 223-230. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n20.41970.